

DARES DA FRÍGIA - UMA VERSÃO TROIANA DO CONFLITO

Reina Pereira

Universidade da Beira Interior - Portugal

rmtp@ubi.pt

Resumen

La historia de la Guerra de Troya fue usada por un considerable número de autores desde la Antigüedad clásica. No obstante la *Iliada* mostrar el punto de vista de los griegos, la visión de los Troyanos necesita ser considerada también. La traducción latina del resumen de la obra atribuida a Dares Frigio levanta varias cuestiones, como problemas de datación; datos identificativos del autor; autoridad. Porque ha sido objeto de gran admiración durante la Edad Media, y porque comportaba sustanciales diferencias en comparación con la versión de la batalla proporcionada por la *Iliada*, un pequeño apuntamiento sobre ese material es plenamente justificable.

Palabras clave: Dares - Guerra de Troya - versión troyana - mujeres - traiciones

Abstract

The story of the Trojan War has been used by a considerable number of authors since the Classical Antiquity. Although the *Iliad* conveys the Greek point of view, the Trojan perspective must also be regarded. The Latin resume of the work attributed to Dares Phrygian raises many questions, such as date issues; authorship; credibility. Since it was quite admired during Middle Ages, and presented substantial differences from the Iliadic version of the battle, a small study over such material is plainly justifiable.

Keywords: Dares - Trojan War - Trojan version - women - treasons

Introdução

Tendo partido ou não de algum evento bélico factual, a temática troiana constituíra objecto de tratamento por parte de diversos autores, desde a Antigüidade Clássica¹. Com efeito, Lesques de Mitilene; Estásino de Chipre; Agias de Trozen; Arctino de Mileto, entre outros, teriam apresentado as produções *Ilias Parua*; *Cypria*; *Nostoi*; *Aithiopsis* e *Iliopersis*, respectivamente. Ademais,

¹ Cfr. Elvira Sierra (1985); Frazer (1966); Gorra (1887).

Ilias Parua; Cypria; Nostoi; Aithiopsis e Ilioupersis, respectivamente. Ademais, também digna de menção é uma obra tardia, datada do século IV, atribuída a Dictis Cretense, com nítidas semelhanças relativamente à versão dos eventos contemplada nos *Annales Belli Trojani* de Dares, ainda que com muito maior extensão do que o resumo supérstite deste último, pois composta por seis livros. Narra desde o acolhimento dos sucessores de Catreu, pelos descendentes de Minos, e a abdução de Helena, até aos erros e morte de Ulisses. Inicialmente colocada numa caixa de chumbo, depositada juntamente com os restos mortais do seu autor, a obra foi exposta a Nero, em virtude de um tremor de terra, ocorrido em Cnossos, que a poria a descoberto. Tal levaria o Imperador a ordenar a sua tradução para *língua ática*²: [Nero] *jussit in graecum sermonem ista transferri*, como se lê no prólogo da obra. A passagem da escrita fenícia para latim competiria a Lúcio Sétimo.

A noção de barbárie

O conflito troiano demonstrava a oposição entre dois povos (Gregos e Troianos) de duas sociedades deveras hierarquizadas. Existia, contudo, alguma consciência de vários aspectos que aproximavam todos os seres humanos, independentemente do estatuto social; do sexo; da idade e da raça, desde a imperiosidade do destino (*Μοίρα*), às contingências do acaso (*τύχη*), à inevitabilidade e necessidade (*ἀνάγκη*) da morte, afinal garantes da ordem (*κόσμος*) universal.

Não obstante autores como Antifonte³ referirem a igualdade entre bárbaros e helenos, pois, por Natureza, todos respirariam ar pela boca e pelo nariz e comeriam com o auxílio das mãos⁴, qualquer diferença face aos 'seus' impunha a conotação dos 'outros' como bárbaros. Nesse sentido, os troianos seriam bárbaros para os gregos, da mesma forma que os gregos o seriam para os troianos⁵.

² A obra ficaria gravada na tradução latina do século IV e noutras três versões gregas. Cfr. Griffin (1908: 329-335).

³ Antifonte. frg. 44, A 7 B 2 Diels.

⁴ Cfr. Séneca, a respeito de certas distinções sociais, como a sentida entre servos e amos, sem correspondência por parte da Natureza, que afecta todos os elementos de forma similar. Cfr. Séneca. *Ad Lucilium* 47: 1-13. Cfr., por oposição, Eurípides. *Medeia*, 534.

⁵ Note-se a *Eneida* virgiliana, enquanto sequela *revanchista* da *Ilíada*. Afinal, *Graecia capta ferum victorem* (A Grécia vencida venceu o seu fero vencedor), como refere Horácio (*Epistulae* 2.156), denotando uma situação experimentada no conjunto político-social da Antiguidade Romana, por força da(s) helenização (-ões).

Ainda assim, verificavam-se, através da leitura dos recontos dânaos e teucros relativos ao mesmo episódio agónico, comportamentos comuns. Considerem-se, pois, a consulta de oráculos; a necessidade de observação pelos costumes de hospitalidade⁶; a anuência em realizar indúcias; a celebração de rituais fúnebres; a consciência de uma justiça primitiva; a convocação de assembleias deliberativas, entre outros aspectos.

De toda a forma, havia lugar para a implementação, nas obras, de cunhos culturais diferenciadores das civilizações que analisavam e reportavam os acontecimentos. De facto, o relato do episódio bélico proporcionado pelos poemas ditos homéricos não deixa de reflectir uma perspectiva notoriamente helénica, como pode constatar-se, a título ilustrativo, pelo destaque e dimensão das descrições relativas a figuras ou a feitos gregos. Trata-se, contudo, de uma ilação a partir de uma obra que não se encontra individualizada pela presença de uma *σφορις* (selo autoral)⁷, de modo a esclarecer sem sombra de dúvida a proveniência do seu compositor.

Já a obra atribuída a Dares da Frígia, resumidamente traduzida como *De Excidio Trojae Historia*, apresenta um outro olhar sobre o Conflito Troiano⁸, que se prolongaria por dez anos, oito meses e doze dias (44), desta feita com uma afeição predominantemente dardânia.

Dares: a autoria - mi(s)to de História e Ficção

A autoria da obra da qual dispomos a sùmula latina *De Excidio Trojae Historia* é reclamada nos capítulos doze - *Dares Phrygius, qui hanc historiam scripsit, cùt se militasse usque dum Troja capta est* (Dares da Frígia, que escreveu esta história, conta que combateu até à tomada de Tróia) e quarenta e quatro - *Hactenus Dares Phrygius Graecis literis mandavit* (Precisamente até este instante, Dares Frígio

⁶ Embora o episódio de Glauco e Diomedes não conste na narrativa, Dares apresenta episódios com algumas semelhanças. Note-se, pois, no capítulo 16: *Telephus clypeo protexit, ne ab Achille interficeretur; commemorans hospitium inter se eo tempore quo Telephus adhuc puer, a patre Hercule progenitus, a Teuthrante rege hospitio receptus est.* (Porém Télefo protegeu-o com o seu escudo, para que não fosse morto por Aquiles. Télefo lembrou-se da hospitalidade que ele, ainda criança, e o seu pai Hércules tinham recebido daquele rei). Também Heitor terá trocado presentes com Ajax Telamónio, após reconhecer laços comuns de consanguinidade (19): *cognovit eum esse de sanguine suo, erat enim de Hesione sorore Priami natus* (reconheceu que era do seu próprio sangue - com efeito, ele era filho da irmã de Príamo, Hesione).

⁷ Teógnis. 1.20.

⁸ Cfr. Ward (2009: 430).

relatou por escrito em língua grega).

A apresentação dos conteúdos efectua-se *propria persona*, ainda que optando por um plural majestático, como ocorre no primeiro capítulo: *Demonstrare eos qui cum Jasone profecti sunt, non 'nostrum' est* (Não 'nos' cabe falar acerca dos que seguiram com Jasão). Tal facto acarreta assim autoridade para um texto alègadamente redigido, no seu original, por um elemento interveniente no processo, ao lado de Antenor, na facção troiana (44): *nam is ibidem cum Antenoris factione remansit* (Na verdade, ele próprio permaneceu com a facção de Antenor). Contrariamente, a focalização constante nas epopeias ditas homéricas é externa e realizada a *posteriori* dos eventos considerados.

De toda a forma, não se torna fácil distinguir entre o que se encontraria na versão inicial, do que pertenceria à lavra do tradutor. Similarmente não há como designar, com toda a certeza, os elementos interpolados a *posteriori*, os quais, em última instância, justificam algumas contradições e inconsistências. Considerem-se, a título meramente ilustrativo, a referência à morte de Meríon, no capítulo 19: *Hector Merionem persequitur et occidit* (Heitor persegue e mata Meríon), e a repetição da mesma ocorrência, no capítulo 23: *Hector in prima acie duces validissimos interficit, Phidippum, Antiphum, et Merionem* (Heitor mata chefes muito valentes: Fídipo, Antipo e Meríon). Veja-se, outrossim, o lapso na contabilização total de navios gregos, a partir da listagem apresentada (14).

Ademais, a autoria do texto suscita, desde logo, controvérsia, espelhando uma interferência entre dois planos: por um lado, o da fábula mitológica, identificada com a ficção; por outro, o da factualidade histórica, muitas vezes associada aos domínios da Ἀλήθεια (Verdade) e do Λόγος, com o sentido de Razão⁹.

⁹ Cfr. Crates distingue mito de história, reportando, ao primeiro, falsidade e, ao segundo, veracidade (fr. 18 Mette: μῦθος δὲ πραγμάτων ἀγενήτων καὶ ψευδῶν ἔκθεσις (o mito é uma representação do que não sucede e das coisas falsas). Como tal, autores, de entre os quais se salienta o λογοποιός Hecateu, pretendem demarcar o seu trabalho daquele que seria próprio dos poetas – lidar com fábulas (fr. 1): τὰδε γράφω ὡς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι· οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοὶ τε καὶ γελοιοὶ ὡς ἐμοὶ φαίνονται εἰσὶν (Escrevo o que considero ser a verdade, pois os Gregos têm muitas histórias que, na minha opinião, são absurdas). Ainda assim, Heródoto. 2.143 refere-o como λογοποιός, embora se refira à sua obra como fruto da actividade de μῦθῶν (fr. 1). Ademais, se Heródoto é classificado por Cícero. *Leges* 1.5 como pater historiae e refere a sua obra como *ιστορία* (1.1), recebe de Aristóteles a qualificação de mitólogo (*De Generatione Animalium* 756b6).

Elá Plutarco atribui ao mito verosimilhança (348a): ἀλλ' ὅτι μὲν ἡ ποιητικὴ περὶ μυθοποιῶν ἐστὶ καὶ Πλάτων εἴρηκεν. ὁ δὲ 'μῦθος' εἶναι βούλεται λόγος 'ψευδῆς' δοικῶς ἀληθινῶ· διὸ καὶ πολλὸν τῶν ἔργων ἀφέστηκεν, εἰ λόγος μὲν ἔργου, καὶ λόγου δὲ μῦθος εἰκῶν καὶ εἰδωλῶν ἐστὶ (Que a poesia tem

Handwritten notes and markings on the right margin, including a vertical line of dots and some illegible characters.

Vertical line of text or markings on the left side of the page, possibly a list or index.

a de Platão, na qual o filósofo refere existir alguma factualidade também nos recontos mitológicos: οὐ μανθάνεις, ἦν δ' ἐγώ, ὅτι πρῶτον τοῖς παιδίοις μύθους λέγομεν; τοῦτο δέ που ὡς τὸ ἕλον εἶπεν ψεῦδος ἔνι δὲ καὶ ἀληθῆ (Não entendes, disse eu, que começamos por contar fábulas (mitos) às crianças? Com efeito, a fábula é, tomada no seu todo, falsa, embora exista nela também verdade)¹⁰. Tal conduz, pois, ao impedimento de efectuar uma distinção clara entre a ficção literária e a realidade histórica, designadamente no que respeita a aspectos, como a autenticidade do conflito troiano, bem como a existência física de espaços e figuras aludidos¹¹, ainda que a obra em questão não constitua um manual de história. Note-se porém a quase total ausência, na obra em apreço, de figuras divinas enquanto determinantes e (ou) intervenientes nos comportamentos humanos, o que reforça o teor factual da narrativa.

Ora, Isidoro¹², ao reflectir sobre os primeiros autores de história, considera Dares compositor de uma narração troiana redigida em folhas de palmeira (*Apud gentiles vero primus Dares Phrygius de Graecis et Troianis historiam edidit, quam in foliis palmarum ab eo conscriptam esse ferunt*). Referencia-o também como o primeiro historiador apud gentiles, ao qual sucedeu Heródoto, na Grécia (*Post Daretem autem in Graecia Herodotus historiam primus habitus est*). A informação seria corroborada por Rafael Volaterrano¹³, que denota, a propósito de Dares, que este escreveu sobre a Guerra de Tróia, na qual militou (*scripsit bellum Trojanum*

a ver com a composição de assuntos mitológicos, também Platão já tinha afirmado. Ora, um mito pretende ser uma história falsa, parecendo ser verdadeira. Assim encontra-se bastante afastado dos factos reais, se uma história não é mais do que um cenário e uma imagem do sucedido, e um mito um cenário e uma imagem de uma história). Platão, por seu turno, distingue mito de *logos*, inserindo o seu trabalho neste último domínio, dotado de factualidade (Gorgias 523a): ἄκουε δὴ, παῖ, μάλα καλοῦ λόγου, ὃν σὺ μὲν ἠγήση μῦθον, ὡς ἐγὼ οἶμαι, ἐγὼ δὲ λόγον· ὡς ἀληθῆ γὰρ ὄντα σοὶ λέξω ἢ μέλλω λέγειν (Escuta, como dizem, uma bela história, que perceberás como uma fábula, presume, mas eu, como um reconto factual; pois o que estou para dizer-te pretendo oferecer como verdade).

¹⁰ Platão. *República* 2.377a.

¹¹ Notem-se os trabalhos desenvolvidos por Schliemann, Dorpfeld, Zimmermann, entre outros. Cfr. Traill (1985: 13-24); Traill (1995); Rose (2008: 399-430). Cfr. Mertz (1964: 12 ss.). Note-se, ademais, numa tendência de consignar alguma factualidade a episódios constantes na esfera mitológica, Evémero da Macedónia (séc. IV a.C.), o qual interpretava as divindades como resultantes da deificação de reis ou figuras eminentes de uma sociedade. Vd. Spyridakis (1968: 337-340).

¹² Isidoro de Sevilha. *Etimologias* 1.42.(41).

¹³ Cfr. Volaterrano (1825).

Græce, in quo ipse militavit), tendo permanecido na facção de Antenor (*cum Antenoris factione remansit*), conforme havia atestado Isidoro.

Contudo, Dares é referido no quinto canto da *Ilíada*, facto que, não se tratando tal epopeia de um reconto histórico, faria com que, à partida, Dares se tratasse de uma personagem literária. Surge enquanto sacerdote troiano de Hefesto (ἦν δέ τις ἐν Τρώεσσι Δάρης ἀφνειὸς ἀμύμων | ἱερεὺς Ἑφαιστοιο)¹⁴, homem rico, impoluto, e pai de dois filhos: Fegeu e Ideu, ambos valorosos combatentes, cuja morte gerara grande consternação entre os troianos (πᾶσιν ὀρίνθη θυμὸς)¹⁵.

Também Virgílio contempla, no seu poema épico *Eneida*, um acompanhante de Eneas, denominado Dares. O *magnus uir* Dares, mencionado pela sua bravura e força, recolhia aplausos dos presentes. Mostrava-se capaz de enfrentar, num combate singular, Páris, assim como outros valorosos guerreiros, segundo demonstrou aquando dos jogos realizados nos funerais de Heitor. Integrava então os combates celebrados em honra de Anquises¹⁶.

Informações dispersas quanto à vivência de Dares dão conta do seu aconselhamento vão a Heitor, para que não matasse Pátroclo¹⁷. Refere outrossim Eustácio que Dares teria desertado voluntariamente para a facção grega. Todavia, viria a ser morto por Ulisses, como reporta a seguinte indicação: Δάρης ὅτι μνήμων δοθεὶς Ἐκτορι κατὰ χρησιμὸν καὶ αὐτομολήσας ὑπ' Ὀδυσσεῶς ἀνηρέθη¹⁸.

Aliás, fazendo jus à cronologia de autores evidenciada pela alusão a Dares numa epopeia alegadamente homérica, Eliano Tático menciona o escrito do Frígio como sendo anterior às epopeias ditas homéricas: Καὶ τὸν Φρύγα δὲ Δάρητα, | οὗ Φρυγίαν Ἰλιάδα ἔτι καὶ νῦν ἀποσώζομένην οἶδα, πρὸ | Ὀμήρου καὶ τοῦτον γενέσθαι λέγουσι (E Dares da Frígia, cuja *Ilíada*, ao que sei, ainda se preserva, diz-se também que viveu antes de Homero)¹⁹.

Reunindo e efectuando uma apreciação crítica sumária de todas as constatações a propósito da historicidade do autor e dos elementos reunidos, originam-se algumas dúvidas. Com efeito, sendo o autor uma figura histórica, era

¹⁴ Cfr. *Ilíada* 9-10. Cfr. Gerardo Vossio, De *Historicis Graecis* 4.1: "Dares Phrygius, sacerdos Trojanus ab Homero celebratur II. E."; Fólio, Bibliotheca cod. 90; Tzetzes, *Historia* 30. Notem-se outrossim, Dindorf - Maass(1887: 199).

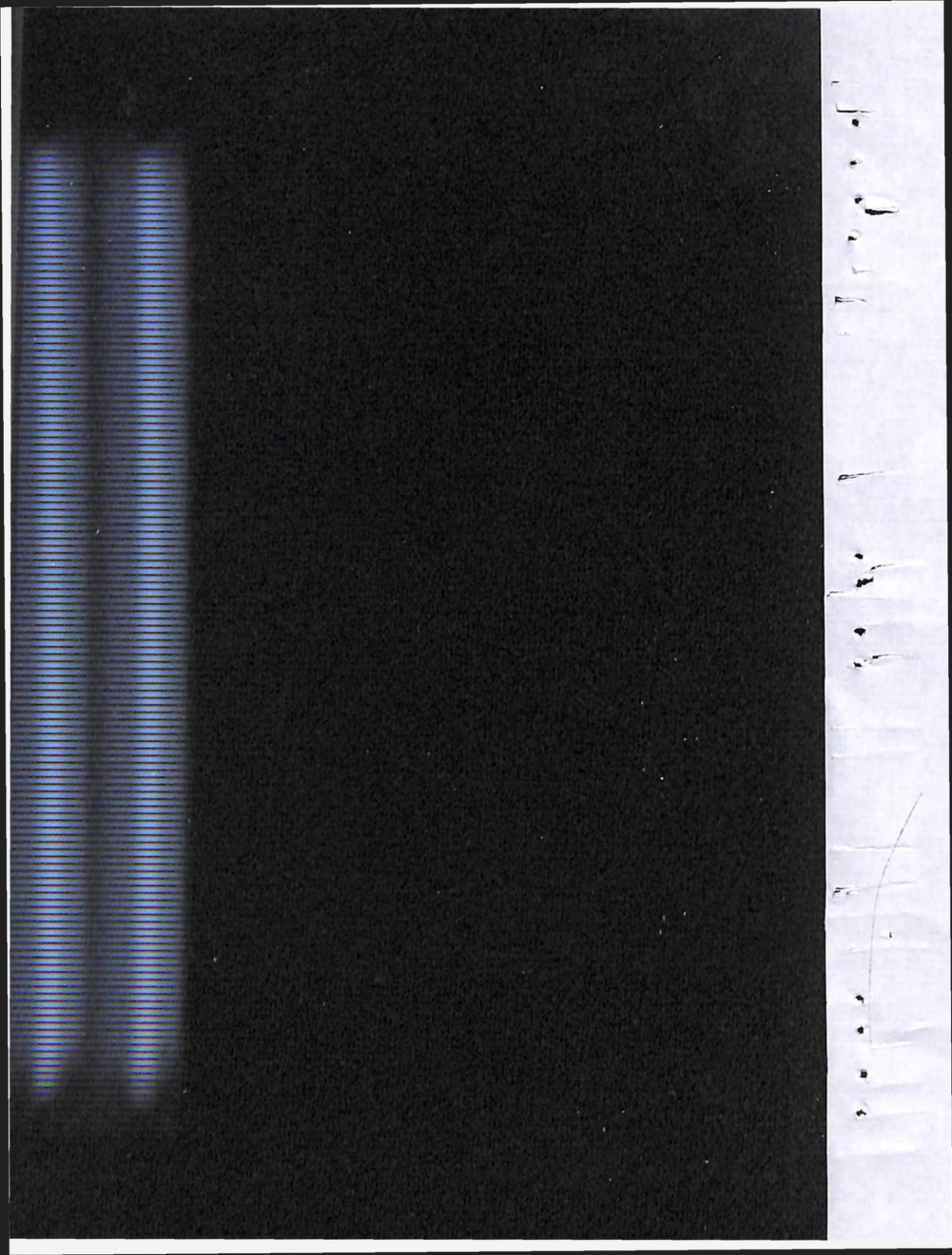
¹⁵ *Ilíada*. 5.29.

¹⁶ Cfr. Virgílio. *Eneida* 5.362-460.

¹⁷ Cfr. Ptolemeu. *Hefesto* 1.

¹⁸ Eustácio. *Commentarii ad Homeri Odysseam* 11.521.

¹⁹ Eliano Tático. *Varia Historia* 11.2.



perfeitamente possível que se tratasse de um sacerdote integrado no contingente militar. Assim se justificaria o registo da obra num tom diarístico, despretensioso e sem a diversificação ou riqueza linguísticas que competiriam a um escritor literário. Todavia, admitir a existência física de Dares implicará aceitar a factualidade da Guerra de Tróia, assim como a existência de figuras como Páris, Ulisses, Príamo, Helena, Políxena, Aquiles, entre outros elementos referenciados. Além do mais, crer na vetustez do texto original acarreta uma credibilidade à fonte em causa superior à dos Poemas ditos homéricos. Neste raciocínio, a *Iliada* consistia, tão só, numa formulação literária, com uma tonalidade argiva, sobre eventos históricos descritos anteriormente.

Datação: o original e a tradução

Quanto à datação da obra, poderá recorrer-se ao argumento existente no capítulo inicial do resumo. Acreditando nesse passo, a informação mais particularizada concernente aos companheiros de Jasão na empresa organizada em busca do *velo de ouro* poderia obter-se pela leitura da obra *Argonautas* (1): sed qui vult eos cognoscere, Argonautas legat (Quem desejar conhecê-los [os que seguiram com Jasão], deverá ler os Argonautas). Resta saber se o texto mencionado pertenceria a Apolónio de Rodes (III a.C.); a Orfeu, figura lendária que teria acompanhado a expedição; ou a qualquer outro autor.

Embora Dares tivesse efectuado um registo, em grego, dos acontecimentos da peleja, até à partida dos sobreviventes de Tróia, designadamente Eneias, Antenor, Andrómaca, Heleno, seguidos de vários companheiros: *Hucusque historia Daretis* (A história de Dares vai precisamente até este ponto). esse testemunho alegadamente pré-homérico perder-se-ia para a actualidade. A partir dele, Cornélio Nepos²⁰ efectuará uma tradução para língua latina, dedicada ao seu amigo Salústio Crispo, conforme a carta que precede o texto, seguidamente reproduzida:

²⁰ Cfr. várias publicações da referida composição atribuem-na a C. Nepos. Considere-se, a título de exemplo, as edições de Antuérpia (1610) ou a de Basileia (1541). Marques Casquero ed. (1996: 40) refere a interpretação errada demonstrada por Benoit, na carta-prólogo, pela tradução de "Cornelius Nepos Sallustio Crispo". Teria entendido Cornélio como se tratando de um sobrinho (nepos) de Salústio.

CORNELIVS NEPOS SALLVSTIO CRISPO S.

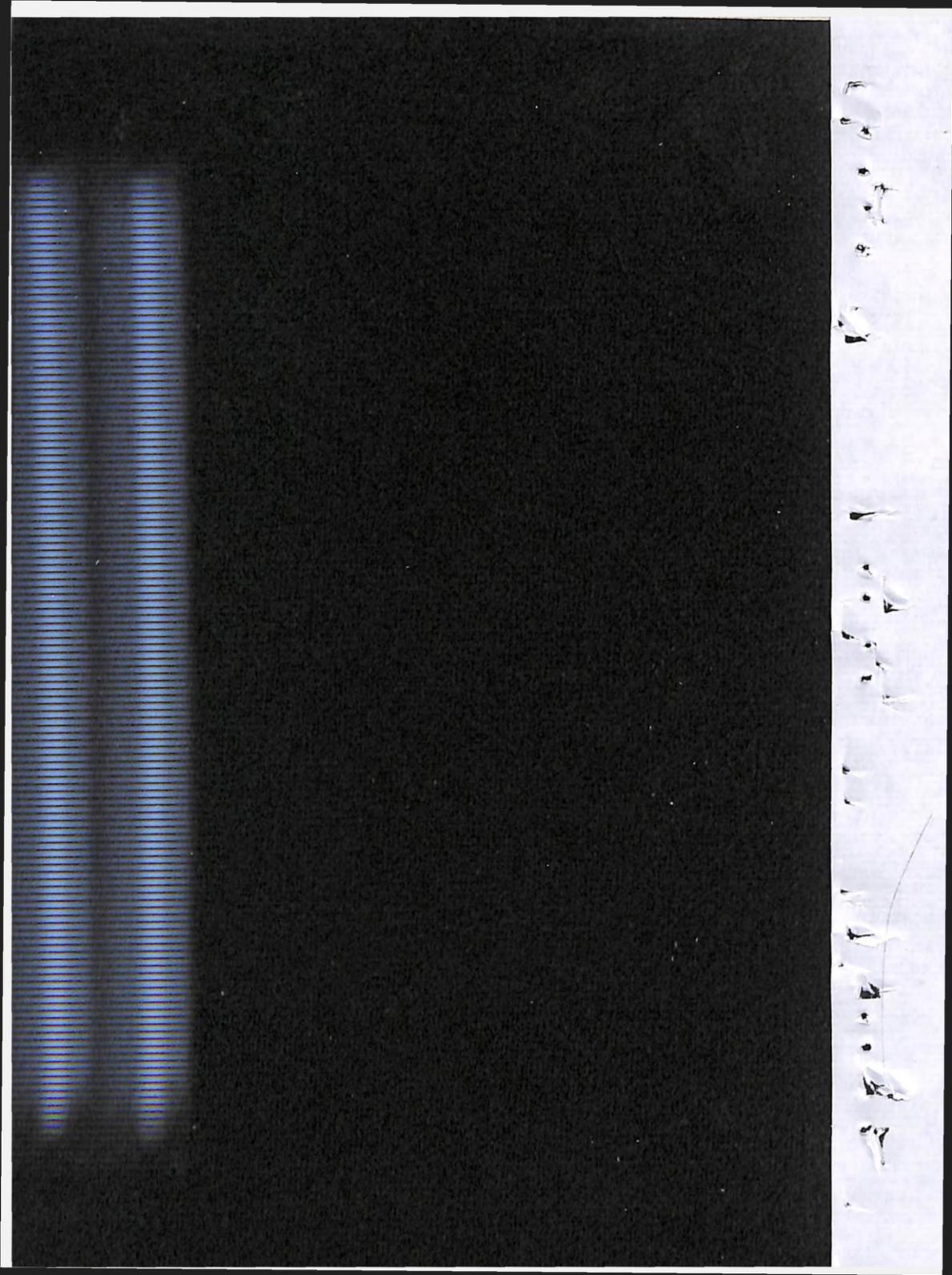
Cum multa Athenis studiosissime agerem, inveni historicam Daretis Phrygii, ipsius manu scriptam, ut titulus indicat, quam de Graecis et Trojanismem oriae mandavit. Quam ego summo amore complexus, continuo transtuli. Cui nihil adjiciendum vel diminuendum reformandi causa putavi, alioquin mea posset videri. Optimum ergo duci, vere et simpliciter perscripta, si eam ad verbum in Latinitatem transverterem, ut legentes cognoscere possent, quomodo hae res gestae essent: utrum magis vera existiment, quae Dares Phrygius memoriae commendavit, qui per id tempus vixit et militavit, quo Graeci Troianos oppugnarent; an Homero credendum, qui post multos annos natus est, quam bellum hoc gestum fuisset: de qua re Athenis iudicium fuit, cum pro insano Homerus haberetur, quod Deos cum hominibus belligerasse descripsit. Sed hactenus ista. Nunc ad pollicitum revertamur.

(Cornélio Nepos saúda Salústio Crispo.

Quando eu estava deveras embrenhado no estudo em Atenas, encontrei a história de Dares da Frígia, escrita pelo seu próprio punho, como o seu título indica, a respeito dos Gregos e dos Troianos. Fiquei deveras satisfeito e de imediato traduzi-a, sem lhe acrescentar nem omitir coisa alguma que pudesse considerar-se como sendo da minha autoria. Traduzi fielmente para latim, seguindo o estilo directo e simples da obra original, para que os leitores possam conhecer de que modo os factos se passaram e julgar qual dos dois retratou com maior veracidade - se Dares da Frígia, que viveu e lutou no tempo em que os Gregos combateram com os Troianos, ou se deverão acreditar em Homero, que nasceu muitos anos depois de a guerra ter sido travada. Quando os Atenienses consideraram esta questão, Homero foi tido como insano, por ter descrito batalhas entre deuses e homens. Mas basta disto! Retornemos agora ao que tinha prometido).

O texto em prosa encontra-se preservado no manuscrito Bruxellensis 3897-2919. A primeira edição do sumário realizou-se em Colónia, no ano de 1470²¹.

²¹ Considere-se igualmente a edição de J. Mercerus (Paris, 1618), uma das mais completas, servindo de modelo a outras que se seguiram.



Suceder-se-iam diversas outras, por norma juntando os textos pertencentes a Dares e a Dictis, a saber, em Veneza, Polónia, Amesterdão, pese embora a lição disponibilizada por ambos os autores nem sempre se mostrar coincidente²². Algumas edições faziam-se acompanhar de notas e várias outras apresentavam versões traduzidas em línguas como o alemão; o francês; o russo; o inglês, para exemplificar.

Convém, porém, antes de atribuir credibilidade a essa exposição sintética, verificar se a obra em apreço (*Daretis Phrygii De Excidio Trojae Historia*) não se inscreve no âmbito dos logros literários²³. Com efeito, embora Cornélio Nepos²⁴ houvesse vivido no século I a.C., a análise filológica do texto latino data-nos séculos V/VI d.C.

Certo é que os pseudépigrafos de Dares e de Dictis teriam captado o gosto medieval e servido de modelo a diversas composições²⁵, designadamente ao poema “*Le Roman de Troie*” (c. 1155-1160), de Benoit de Sainte-Maure, que Afonso XI transcrevera em prosa e traduzira como “*Roman de Troie*”; “*De Bello Troiano*” e “*Daretis Phrygii Ilias*”, de José de Exeter; *Historia Destructionis Troiae*, de Guido de Colona (1287)²⁶. Não fica claro, porém, se os autores que se inspiraram no texto de Dares dispunham, até certo momento, da versão original, mais alargada e pormenorizada, e não apenas da sùmula latina²⁷.

Estrutura

No seu todo, a tradução latina disponível mostra-se repetitiva²⁸ em extre-

²² Note-se, a título ilustrativo, a alusão de Dictis ao matrimónio de Delfobo com Helena (4.22) e à morte do guerreiro por Menelau (5.12). Dares, por seu turno, refere Palamedes como o assassino de Delfobo (28).

²³ Cfr. Gudeman (1894: 140-164); Farrow (1992: 339-359); Smith (1870: 943-944).

²⁴ Cfr. Plínio, o Antigo. *Naturalis Historia* 3.22, 9.39, 10.23; Catulo. 1.3.

²⁵ Cfr. Giffin (1907: 17).

²⁶ Cfr. Meek (1974: 9, XIX). Note-se a recorrência do tema troiano na Idade Média. Vd. Simão Aurea (ou Petrus Sanctonensis) Capra, *Ilias Latina*; José Iscano, *De bello troiano* (1188); Ferrán Martí, *Summa Trojana* (1373), inspirada na obra de um historiador, de nome Leomarte.

²⁷ Marques Casquero ed. (1996: 19) refere tratar-se a versão de que dispomos de um resumo de uma versão original, quiçá do conhecimento de autores como Guido de Colona (prólogo, 3) certamente alongada na exposição de episódios como os amores de Aquiles por Polixena, e de Troilo face a Briseida.

²⁸ Exemplo de expressões repetidas: *nox proelium diremit, fit magna caedes, tempus pugnae supervenit, dum indutiae sunt ... Graviter tulit [ere]; profecti sunt; injuria*, entre outras.

mo, proverbial, sinóptica e simples, no uso da língua. Em termos estruturais, apresenta vastas vezes uma técnica de alternância/transição similar à de cenas cinemáticas, evidenciada, aliás, nos Poemas ditos homéricos. A sua divisão em quarenta e quatro capítulos reveste-se de algum artificialismo, porquanto o término de um capítulo nem sempre corresponde ao fim do tratamento de um episódio.

Tratando-se de uma produção bastante abreviada de um assunto tão extenso, delega, ainda assim, lugar para alguns pormenores. Notem-se, a respeito, a alusão ao facto de o timoneiro que conduzira Antenor ter sido o mesmo que levava Páris até Esparta (9): *adducto secum duce eo qui cum Antenore jam navigaverat*, a denominação dos portões de Tróia (4): *Antenoria, Dardania, Iliá, Scaea, Thymbraea, Trojana*, a referência à divinização dos Dióscuros, após desaparecerem numa tempestade, quando procuravam a sua irmã Helena (11): *Lesbo navim solverunt [Castor et Pollux]; maxima tempestate correpti, nusquam comparuerunt: postea dictum est, eos immortales factos* (Todavia, quando aportaram [Castor e Pólux] na ilha de Lesbos, abateu-se uma grande tempestade e ninguém mais os viu. Depois constou que tinham sido tornados imortais).

O reconto da pequena prosa em latim afasta-se, em diversas ocasiões, da versão homérica, embora faça igualmente uso de competências estruturais, como aristeias (28), enumerações e catálogos.

De facto, ocorre nos capítulos doze e treze uma interrupção da narração dos eventos, para aventar o rol, bem como uma descrição abundante em adjectivação e subjectividade, tanto física como psicológica, de figuras troianas e gregas, notórias no conflito. Desse modo, contemplaram-se guerreiros, como Castor e Pólux; Príamo; Heitor; Deífobo; Heleno; Troilo; Alexandre; Eneias; Antenor, pelos troianos; Agamémnon; Menelau; Aquiles; Pátroclo; Ájax Oileu; Ajax Telamónio; Ulisses; Diomedes; Nestor; Protesilau; Néoptolemo; Palamedes; Podalírio; Mácaon; Meríon, pelos gregos.

Integravam de igual modo a relação algumas mulheres, designadamente Helena; Hécuba; Políxena; Cassandra e Briseida²⁹. Curiosamente, Briseida é referenciada no capítulo consignado aos gregos, ao passo que Helena surge arrolada no capítulo respeitante aos troianos. Tratava-se de um facto coerente, não

²⁹ Curiosamente, 'Briseida' aparece descrita 'entre os Gregos' no capítulo 13, ao passo que 'Helena' o fora na secção 12, 'entre os Troianos'.

apenas pela atracção mútua nutrida entre Páris e Helena (10): *ambo, forma sua incensi* (tomados pela admiração recíproca da sua graciosidade), mas também em virtude do tratamento que Helena recebera, em Tróia, da parte do casal régio (35): *Quam Priamus et Hecuba ut filiam aspexerunt, et diligenter curavere, quod nunquam despexisset Trojanos, et Argivos desiderasset* (Príamo e Hécuba viam-na como uma filha e procuraram por todas as formas que nunca desprezasse os Troianos e sentisse falta dos Argivos), não obstante a infelicidade inicial (10): *Helenam moestam alloquio mitigavit* (tentou confortar Helena, que estava bastante afrita); (11): *[Priamus] Helenam moestam consolatus est, et eam Alexandro conjugem dedit* ([Príamo] Consolou Helena, que estava muito infeliz, e deu-a em casamento a Alexandre) e os antagonismos das vaticinações de Cassandra (9), Heleno (42); de Antenor (37), entre outros. Ademais, como adiantaria a obra de Dictis Cretense (*Ephemeridos Belli Troiani* 1.9), existia de facto uma relação de parentesco entre Helena e a rainha troiana, Hécuba, afinidade essa compartilhada pelos antepassados de Hécuba e de Leda: *et inde patres Hecubae et Ladae 'consanguinitate originem diuisisse'*.

Os retratos apresentados integram pormenores, como a gaguez de Heitor e Néoptólemo (*blaesum*); a suavidade da voz de Príamo e de Alexandre (*voce suavi*); a alegria espelhada nos olhos de Eneias (*oculis hilaribus*); detalhes da face de Helena, como: *notam inter duo supercilia habentem, ore pusillo* (tinha um sinal entre as duas sobrancelhas e uma boca pequenina).

Uma outra particularização surge num catálogo de naus gregas, no capítulo catorze, informação essa que é contrabalançada com a apresentação dos apoiantes da causa de Príamo, no capítulo dezoito.

Topoi: tradição e inovação

Sem grande detalhe, diversos são os topoi da tradição clássica aproveitados, designadamente os motivos do vaticínio (Cassandra e Heleno), dos oráculos (15, 30, 35) e do acautelamento (8, por Panto, mediante o que ouvira do seu pai Euforbo), desconsiderados pela generalidade; e (ou) modificados. Com efeito, vislumbram-se algumas notas distintas e até inovadoras, conforme se atesta nos exemplos subsequente. Note-se, então, a referência ao *juízo de Páris*, que, em Dares, se reveste de um cariz onírico (7): *Nam sibi in Ida sylva cum venatum abisset, in somnis Mercurium adduxisse Junonem, Venerem, Minervam, ut inter eas de specie judicaret* (Na realidade, quando caçava nos bosques do monte Ida, adormeceu

e sonhou que Mercúrio trouxera até si Juno, Vénus e Minerva para que julgasse a sua beleza). Considere-se, outrossim, a alusão ao desaparecimento dos Dióscuros, numa tempestade, quando procuravam Helena, sem que se apresente a morte de Castor por Idas e a consequente partilha de imortalidade por Pólux (11). Veja-se também a concepção de Calcas como um frígio, que se depa-rara com Aquiles, quando este havia ido consultar o oráculo de Apolo (15). Similarmente, a designação de Agamémnon como comandante-supremo das tropas (11); a sua deposição; consequente substituição por Palamedes, apesar do desagrado de Aquiles e Télefo (25); e reeleição (29). De igual modo, a morte de Palamedes, pelos troianos, em luta (28) e não por apedrejamento, consoante o reconto tradicional. Vejam-se, de igual modo, a preocupação de Heleno em dar um enterro condigno a Aquiles (42): *Achilli sepulcrum Helenum dixisse donari*; a consideração de Diomedes, e não de Aquiles, como assassino de Penteseleia (36), ou de Licaon e de Euforbo pelo mirmidão (22), e não Menelau, ou ainda de Protenor (20) por Heitor, e não Polidamante; a recepção de Ulisses e Diomedes, por Dólón, no acampamento troiano (22), omitindo-se o homérico episódio da espionagem. Não obstante aludir-se a Troilo como um grande guerreiro (7): *non minus fortis quam Hector*, 30: *non minus fortem virum esse quam Hectorem*, sobretudo após a morte de Heitor, não se avança, todavia, para a relação amorosa que o ligaria a Briseida, figura que é objecto de detalhada descrição, apesar de não intervir activamente na obra. O facto não justificaria, de resto, o confronto com Aquiles (33)³⁰.

Omitidos por completo são aspectos como a falta venatória do Atrida Agamémnon; o sacrificio de Ifigénia; ou o *juramento* a que Tíndaro havia submetido os pretendentes de Helena, a título de exemplo.

Além do mais, a tonalidade inovadora face à tradição homérica, sentida pela leitura da obra acarreta profundas *nuances* na consideração reconhecida a certas personagens. Com efeito, o autor inicia o seu reconto com uma alusão a uma outra causa para o Conflito Troiano alheia à apresentação de razões estratégicas; à culpabilização de Helena; ou a um antigo comprometimento de Zeus: Ζεὺς βουλευέται μετὰ τῆς Θέμιδος περὶ τοῦ Τρωικοῦ πολέμου (Zeus planeia com Témis a respeito da Guerra de Tróia)³¹, para aliviar a sobrepopoada terra³².

³⁰ A propósito dos afectos de Heitor por Criseida e Briseida, Cfr. Chaucer - Windeatt (1998: XI-XX).

³¹ *Cypria*, fr. 1.

³² *Cypria*, fr. 3.

Adianta, pois, informação respeitante à viagem à Cólquida de Jasão e dos argonautas, influenciada por Pélias. Receoso da influência que o seu sobrinho gozava sobre o povo, Pélias tinha esperança de que não mais regressasse. Ora, ao aportarem na Frígia, a expedição seria destrutada pelo rei Laomedonte, que revelara desrespeito pelas obrigações de recepção de hóspedes, reguladas por Zeus *Xenios*.

A reparação da falta, devida à luz da justiça primitiva, chegaria pela acção de um dos argonautas - Hércules, que, depois de haver retornado à Grécia, reuniu o apoio de vários chefes para atacar Tróia, assumindo-se como vingador do comportamento por várias vezes faltoso de Laomedonte³³. Nessa investida, os gregos infligiram grande mortandade aos troianos, incluindo Laomedonte e todos os seus filhos (à excepção de Príamo, ausente na Frígia); e apossaram-se de múltiplos despojos, entre os quais Hesíone, filha de Laomedonte, que Hércules atribuiu ao valoroso Télamon.

Quando Príamo retorna, justifica-se o envio de uma embaixada à Grécia. Falhado o primeiro contacto chefiado por Antenor, para recuperar Hesíone e reparar o comportamento dos gregos, Páris abduz (*eripere*) Helena. Para tanto, subtraiu-a do templo de Diana e Apolo, aonde tinha ido realizar sacrificios, e lutou com os habitantes da cidade, que tentavam impedir o rapto. Com o regresso de Páris, surgiu uma nova esperança em Príamo, de que a situação se resolvesse rapidamente (11): *Priamus gavisus est, sperans Graecos causa recuperationis Helenae sororem Hesionam reddituros, et ea quae inde a Trojanis abstulerant* (Príamo ficou deliciado, esperando que os Gregos, para tentarem recuperar Helena, devolvessem Hesíone e tudo aquilo que tinham retirado dos Troianos).

Face a este cenário, as causas arroladas para o Conflito Troiano passam pela apresentação de razões distintas das tradicionalmente mencionadas. De facto, a obra de Dares toma como episódio introdutório do conflito troiano um acontecimento que a épica grega desconsidera. Tal facto não só retira da figura de Helena grande parte da responsabilidade que lhe é atribuída (Cfr. *Iliada*. 2.161-162, Od.11.438), como também denota a presença, em gerações anteriores, de um forte espírito agónico entre os gregos. Ademais, *mutatis mutandis*, assiste-se a uma repetição invertida de aspectos, como o atendimento de deveres de hospitalidade, zelados por Zeus *Xenios*; o desrespeito e conseqüente *hybris* e *atimia*,

³³ Cfr. Antenor, em Dictis. *Ephemeridos belli Trojani* 4.22.

por parte dos troianos; o entendimento da mulher cativa como prémio/recompensa da *arete* bélica; o não provimento das petições dos *xenoi* suplicantes. É também indiciado um facto que não encontra desenvolvimento - as faltas e o rol de culpas ancestrais que Laomedonte deixa sobre os troianos.

Outro aspecto digno de menção prende-se com a figura valorosa de Aquiles. Embora tivesse sentido bastante com o óbito de Pátroclo (20) - *Achilles Patroclum plangit* (Aquiles chora Pátroclo), nem um alegado homoerotismo que a súmula tampouco sugere, nem o seu afastamento do combate, em virtude de um desentendimento com Agamémnon, envolvendo Criseida e Briseida, merecem apreço. Em substituição, Aquiles ter-se-ia tomado de amores por Políxena, ao avistá-la, na companhia dos seus pais e do povo troiano, a prestar honras junto ao túmulo de Heitor, decorrido um ano da sua morte (27). De imediato, Aquiles apressa-se em contactar Hécuba para solicitar a mão da sua filha. Da sua parte a rainha troiana estaria de acordo, se o seu esposo consentisse. Embora Aquiles se prestasse a abandonar de imediato o combate, juntamente com os mirmidões, esperando que os restantes gregos seguissem os seus passos, Príamo propõe-se anuir apenas mediante uma retirada total das tropas gregas e a perspectiva de concertar a paz (27), já que afinal o mui valoroso Aquiles era um inimigo.

Em conformidade, no capítulo vinte e oito, Aquiles, ademais irritado, quer pela entrega do poder a Palamedes, quer pela manutenção de uma empresa de tamanha envergadura por uma questão primeiramente de foro pessoal, relativa a uma mulher (Helena), abstém-se de combater: *Achilles iratus in praelium non prodit*. Como se verifica, os motivos que o conduzem a tal distanciamento do filho de Peleu são distintos dos enunciados por Homero. Uma vez que o narrador era frígio, resta a questão de saber se as questões retratadas na *Iliada*, que conduziram ao dissídio entre Aquiles e Agamémnon, não teriam chegado ao conhecimento dos troianos, o que justificava a sua omissão na obra de Dares. De toda a forma, a interrupção de Aquiles na peleja teria de facto ocorrido. A disparidade verifica-se no que respeita ao que terá dado lugar a tal decisão. Se a versão homérica se revelava coerente, a de Dares justificaria eventos sequentes retratados na tragédia, designadamente em Eurípides, *Hécuba*, onde a sombra de Aquiles requer o sacrifício de Políxena.

Prosseguindo com o reconto de Dares, Aquiles continua a reiterar a importância de se celebrar a paz, mesmo diante da delegação composta por Nestor,

que haveriam de procurá-lo no capítulo seguinte. Não conseguindo continuar a negar o seu auxílio, Aquiles permite, no capítulo subsequente, que as suas tropas pugnem, ainda que ele próprio inicialmente não retorne à luta, até contemplar a chacina que estava a ser imposta aos Gregos, no capítulo trinta e três.

Entretanto, condoída pela morte dos seus filhos Heitor e Troilo, Hécuba pensa numa engenhosa vingança (34). Ciente da paixão de Aquiles pela sua filha Políxena, propõe a Alexandre que mate Aquiles através de um dolo. Enviaria uma missiva ao guerreiro grego como se proviesse de Príamo, a marcar um encontro para o dia seguinte, no templo de Apolo Timbreu, onde selariam um pacto.

Radiante, Aquiles comparece com Antíloco, mas é surpreendido pelas tropas comandadas por Alexandre. O seu corpo é restituído aos gregos, a mando de Heleno, que não permitiu que os seus restos mortais ficassem entregues aos abutres, como pretendia Páris.

No que concerne à armadura de Aquiles, causadora do trágico dissídio tradicional que opõe Ulisses a Ájax, constitui um *topos* apenas afluído no capítulo trinta e cinco, altura em que Ájax aconselha a que se chame Neoptólemo para se apossar dos despojos do seu pai. Nada é referido acerca da *loucura* e suicídio de Ájax, filho de Télamon.

Ainda outro facto intrigante decorre de uma assembleia (37) realizada pelos troianos, deveras desgastados, nos momentos finais do conflito. Aí Antenor, com o apoio de Eneias, defende a celebração da paz com os Gregos, incluindo a devolução de Helena e dos bens espoliados. Porém, Anfímaco e Príamo discordaram, depreendendo-se que todos os que defendessem a rendição, seriam mortos (38). Pelo exposto, Antenor reúne-se de um conjunto de apoiantes e envia uma missiva a Eneias, dando conta da imperiosidade de uma traição - *pro-dendam esse patriam* (era necessário trair a pátria). A insídia prepara-se no capítulo quarenta, trocando-se a penetração nas muralhas de Tróia com a salvação dos bens e das famílias dos 'traidores' troianos. Fazendo-se jus ao acordado, os gregos vencedores preparavam-se para partir, quando uma tempestade súbita suscitava da parte de Calcas o entendimento de que se trataria de uma revolta dos mortos, pela falta de honras devidas (43). Requerera de imediato Neoptólemo o sacrifício de Políxena sobre o túmulo de seu pai. Contudo, face ao desaparecimento inicial da jovem, e depois à sua devolução, por parte de Eneias, que a havia ocultado, não evitando porém o seu sacrifício, Agamémnon determina o

exílio de Eneias:

Agamemnon iratus Aeneae quod Polyxenam absconderat, cum suis protinus patria excedere jubet. Aeneas cum suis omnibus navibus proficiscitur, Antenori terram tradit.

(Agamémnon, irritado com Eneias porque tinha ocultado Políxena, ordena que abandone imediatamente a pátria com os seus. Eneias retira-se com todos os seus navios e entrega a terra a Antenor).

Notas conclusivas

Constata-se, mediante a abordagem que Dares disponibilizaria, a existência de um *continuum* que ligava os Gregos aos 'bárbaros' Troianos. De facto, para além de alguns laços comuns de parentalidade, verificava-se a ocorrência de um padrão comportamental. Este consolidava-se nas abduções de Hesíone e de Helena, em ambos os casos como formas de retribuição/reparação de uma atitude faltosa face à hospitalidade, primeiramente por Laomedonte, no lado troiano; depois por Télamo e os suseranos gregos contactados por Antenor; e finalmente por Páris (17): *injurias Argonautarum commemorat, patris interitum, Trojae expugnationem, et Hesionae sororis servitutum* (relembra os agravos dos Argonautas; a morte do seu pai; o saque de Tróia e a captura da sua irmã Hesíone). A guerra de Tróia sucede, assim, a um primeiro confronto grego e a um sequente ataque troiano.

Denota-se, outrossim, um modo de governação política semelhante. Quer Agamémnon, quer Príamo reuniam com uma assembleia, nem sempre concordante, a fim de discutir as soluções a tomar. Aliás, Agamémnon havia sido eleito pelos chefes gregos enquanto comandante-supremo das tropas (11). Abdicaria, depois, do poder *libenter*, na sequência da argumentação de Palamedes em assembleia, dando-o como *indignum* e *indoctum* (20), pelo que afirmou caber ao concílio o direito de escolha do seu líder (25): *Agamemnon seditioni cessit et dicit se de hac re libenter facturum, ut quem vellent Imperatorem praeficerent* (Agamémnon acaba por ceder perante a insurreição e disse que eles eram livres de escolher quem quisessem para chefá-los). Por fim, foi reeleito, por recomendação de Nestor à assembleia (29). Não obstante, vislumbrava-se algum determinismo absolutista, na resolução de Príamo em assassinar a facção pacifista que se

opunha ao seu desidério em manter o conflito; bem como na decisão de Agamémnon, o qual, irritado, resolveu punir Eneias, contrariamente à resolução tomada previamente pela assembleia.

Ademais, fica notória uma concepção feminina pouco abonatória na Antiguidade Clássica³⁴. Instrumentalizadas como quaisquer outros despojos de guerra, as mulheres integravam o espólio reconhecedor da *τιμή* dos guerreiros. Assim se apresentaram Helena, para o invasor Páris; e Polixena, para Aquiles defunto. Helena constituiria objecto de dissídio entre os troianos, já que alguns defendiam a sua restituição, por forma a concertar-se a paz (37). Polixena, por seu turno, surgia, nesta versão dos eventos, como causa do afastamento de Aquiles da cena de combate (30): *jam destinaverat in bellum non prodire, ob id quod promiserat Hecubae, se minus pugnaturum, eo quod Polyxenam valde amabat* (uma vez que já decidira não voltar a entrar na contenda, porque tinha prometido a Hécuba que ele próprio iria lutar o menos possível, já que amava muito Polixena). Substituíra Briseida, no reconto homérico. Além do mais, Aquiles torna-se alvo de um embuste de uma mulher *mente virili*, mas também justa, na medida em que pretendia retaliar a morte dos seus - Hécuba.

.. Em suma, a figura de Polixena adquire, no reconto de Dares, um destaque apenas sentido na cena trágica³⁵, acabando por conduzir à morte de Aquiles e ao exílio de Eneias.

O parco relevo feminino em sociedades marcadamente masculinizadas sentir-se-ia, de igual modo, no episódio que conserva o seu cariz lírico iliádico³⁶, protagonizado por Andrómaca. Despende esforços no sentido de evitar que o seu esposo Heitor seguisse para a refrega, em virtude de um sonho premonitório que a assolara (24): *in somnis vidit, ne Hector in pugnam procederet* (viu em sonhos,

³⁴ A mulher afirma-se, na sua origem, como um dom retributivo de uma falta cometida contra Zeus (Hesíodo. *Trabalhos e Dias* 57), como se lê em Hesíodo. *Teogonia* 600-601). Fruto de um acesso de ira, Pandora simboliza o *καλὸν κακόν* (*Teogonia* 585) presente em todo o género feminino. Assumindo-se essencialmente como geratriz e educadora, a mulher encontrava-se mormente votada a papéis secundários em sociedades masculinizadas, como as da Antiguidade Clássica. Cfr. Clay (2005: 103); Blundell (1995); King (1993); Loraux (1994: 72-110); Arthur (1983: 97-116); West (1999: vii-xxi).

³⁵ Cfr. Eurípides. *Hecuba*; Sófocles. *Polixena*.

³⁶ Em Homero, os esforços de Andrómaca para impedir que Heitor combatesse e a apresentação de Astíanax surgem no livro 6 da *Ilíada* homérica. Os esforços de Príamo e Hécuba são aludidos no décimo.

que Heitor não deveria seguir para a luta). Todavia, Heitor desconsidera as suas palavras, assim como as suas atitudes, envolvendo o apoio de Príamo e a figura do seu filho Astíanax. O apreço pela τιμή mostrar-se-ia superior a qualquer laço relacional, para o troiano Heitor, assim como outrora para o grego Aquiles, face à possibilidade de gozar de uma longa vida caso se abstinhasse da peleja.

Se as reflexões sobre a cultura clássica estipulam a existência de questões em torno da obra reportada a Homero, *mutatis mutandis*, apreensões similares poderão aplicar-se ao texto reconhecido a Dares da Frígia.

Malgrado, não dispõe a actualidade do original de Φρύλας Ἰλίου, quiçá até anterior ao registo dito homérico, como se referiu ao longo deste apontamento. Resta somente uma pálida versão apresentada como um resumo traduzido em língua latina. Erguem-se, porém, alguns dilemas concernentes ao seu verdadeiro autor, assim como às suas capacidades literárias, desde logo por se tratar de um relato deveras sumariado, repetitivo e apresentado num registo linguístico algo tardio e corrompido.

Não tendo gozado do prestígio atribuído a Homero³⁷, a obra de Dares e a sua visão dardânia dos eventos, ainda que de forma indirecta, a partir do momento em que se perdeu, constituiria uma lição inspiradora da obra de muitos.

BIBLIOGRAFÍA

- Arthur, M. (1983). The Dream of a World without Women: Poetics and Circles of Order in the Theogony Prooemium. En *Arethusa* 16, pp.97-116.
- Blundell, S. (1995). *Women in Ancient Greece*. London: British Museum Press.
- Chaucer, G. - Windeatt, B. (1998). *Troilus and Criseyde: a new translation*. Oxford: Oxford University Press.
- Clay, J. (2005). *Hesiod's Cosmos*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Constans, L. (1904-1912). *Benoit de Saint-Maure. Le Roman de Troie*. Paris: Didot.
- DeForest, M. (ed.) (1993). *Woman's power, man's game: essays on classical antiquity in honor of Joy K. King*. Wauconda: Bolchazy-Carducci.

³⁷ A propósito de Homero enquanto figura modelar, cfr. τὴν Ἑλλάδα πεπαιδευκεν οὗτος ὁ ποιητής (o poeta [Homero] foi o educador da Grécia), in Platão. *República* 606e-607a; Estrabão, *Geografia* 1.1.2.

- Dindorf, W. - Maass, E. (1887). *Scholia Graeca in Homeri Iliadem: ex codicibus aucta et emendata*. Oxford: Oxford University Press.
- Elvira Sierra, M. de (1985). *Frigii Daretis Iliados libri sex. Investigación sobre sus Fuentes, tesis doctoral*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense de Madrid.
- Farrow, J. (1992). Aeneas and Rome: Pseudepigrapha and Politics. En *CJ* 87, nº4, pp. 339-359.
- Frazer, R. (1966). *The Trojan War. The Chronicles of Dictys of Creta and Dares Phrygian*. Bloomington-Londres: Indiana University Press.
- Gorra, E. (1887). *Testi inediti di Storia Trojana*. Turín: Casa Editrice C. Triverio.
- Griffin, N. (1907). *Dares And Dictys: An Introduction To The Study Of Medieval Versions Of The Story Of Troy*. Baltimore: J. H. Furst Company.
- Griffin, N. (1908). The Greek Dictys. En *AJP* 29, nº3, pp. 329-335.
- Gudeman, A. (1894). Literary Frauds among the Romans. En *TAPhA* 25, pp. 140-164.
- Loroux, N. (1994). *The children of Athena: Athenian ideas about citizenship and the division between the sexes*. Princeton: University Press.
- Marques Casquero, M. (ed.) (1996). *Guido delle Colonne. Historia de la destrucción de Troya*. Madrid: Akal.
- Meek, M. (1974). *Historia destructionis Troiae of Guido delle Colonne*. Bloomington-Londres: Indiana UP.
- Mertz, H. (1964). *The Wine Dark Sea: Homer's Heroic Epic of the North Atlantic*. Chicago: Mertz.
- Nepos, C. (1541). *Daretis Phrygii poetarum et historicorum omnium primi, de bello Troiano, in quo ipse militavit, libri (quibus multis seculis caruimus) sex / a Cornelio Nepote Latino carmine heroico donati, & Crispo Sallustio dedicati, nunc primum in lucem aediti. Item, Pindari Thebani Homericæ Iliados epitome, suavissimis numeris exarata. Ad hæc, Homeri poetarum principis Ilias : quatenus a Nicolao Valla, & V. Obsopoeo carmine reddita*. Basileia: J. Parcus.
- Nepos, C. (1610). *Cornelii, Nepotis, Daretis Phrygii libri de bello Trojano, latino carmine donati*. Antuérpia.
- Rose, C. (2008). Separating Fact from Fiction in the Aiolian Migration. En *Hesperia* 77, nº3, pp. 399-430.
- Smith, W. (ed.) (1870). *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*, vol. 1. Boston: Little, Brown and co.

- Spyridakis, S. (1968). Zeus Is Dead: Euhemerus and Crete. En *CJ* 63, n° 8, pp. 337-340.
- Trails, D. (1985). Schliemann's "Dream of Troy: The Making of a Legend. En *CJ* 81, n° 1: pp. 13-24.
- (1995). *Schliemann of Troy: Treasure and Deceit*. New York: St. Martin's Press.
- Volaterranus, R. (1825). *Anthropologia in Dictys Cretensis by Dares Phrygius De bello Trojano ex Editione Samuelis Artopoei cum Notis et Interpretatione in usum Delphini varrii lectionibus Notis variorum Recensu editionum et codicum et Indicibus locu plentissimis accurate recensiti. Accedunt Josephi Iscani De bello Trojano Libri sex*, vol.2. Londini: Curante et Imprimente A.J. Valpy, A.M..
- Ward, P. (2009). *A History of English Dramatic Literature to the Death of Queen Anne*, vol. 1. Charleston: College of Charleston.
- West, M. (1999). *Hesiod's Theogony, Works and Days*. Oxford: Oxford University Press.